

O conceito de tradição na hermenêutica filosófica de Gadamer

The Concept of Tradition in Gadamer's Philosophical Hermeneutics

Luciano Lima Maquiné Santiago, Luis Uribe Miranda*
Instituto Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão
luciano.santiago@ifma.edu.br, luis.uribe@wanadoo.fr

DOI: 10.5281/zenodo.3234851

Recibido: 29/10/2018 Aceptado: 21/03/2019

Resumen: Gadamer resgata o valor da tradição e explicita o desprezo feito pela *Aufklärung* a mesma. A questão da reabilitação da tradição enquanto fundamental para a compreensão é o que está em questão neste artigo. Um dos problemas a ser analisado é se há incompatibilidade entre razão e tradição, e se não há de que forma podemos buscar resgatar o valor da tradição como algo fundamental para a compreensão de como se dá o processo do entendimento humano. É, portanto, uma análise dentro da hermenêutica filosófica de Gadamer, especificamente a segunda parte de Verdade e Método I.

Abstract: The value of tradition rescued by Gadamer evidences the contempt showed by *Aufklärung* to tradition. The question of the rehabilitation of tradition as fundamental to understanding is at the core of this paper. One of the problems to be analyzed is whether there is incompatibility between reason and tradition, and if it does not exist how can we try to salvage the value of tradition as something fundamental to the understanding of the process of human understanding. The analysis of this concept will be based on Gadamer's philosophical hermeneutics, specifically in the second part of Truth and Method I.

Palabras clave: Gadamer, Hermenêutica, Tradição, Razão, *Aufklärung*.

Keywords: Gadamer, Hermeneutics, Tradition, Reason, *Aufklärung*.

* Luciano Lima Maquiné Santiago, Brasileiro. Possui Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Especialização em Filosofia pela AVM Faculdade Integrada. Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (Prof-Filo/UFMA). Atualmente é Professor de Filosofia no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus Barra do Corda (MA), Brasil.

Luis Uribe Miranda, Chileno. Doutor em Filosofia pela Università degli Studi di Torino, Itália. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (Prof-Filo/UFMA) e Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia Italiana (GEPFIT), Brasil. Atualmente realiza um Pós-doutorado em Filosofia na Università degli Studi di Torino, Itália.

1. Introdução

O presente artigo tenta refletir sobre o conceito de tradição na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. Trata-se de estabelecer as relações deste conceito com os conceitos de fusão de horizontes e preconceito, conceitos fundamentais e fundantes da filosofia gadameriana. O intuito é mostrar a centralidade que adquire o conceito de tradição e como ele é pensado na sua relação com a historicidade do círculo da compreensão.

Para a compreensão do conceito de tradição na obra de Gadamer é necessário entender como se estabelece a *arte* do próprio compreender hermenêutico a partir da tradição. Para a elucidação do conceito de tradição é preciso buscar compreender como o *Novo* vem à luz pela mediação do *Antigo*. Neste sentido, é preciso reconhecer que o nosso passado é de fundamental importância para o alcance da compreensão e formação do conhecimento do mundo e de nós mesmos. Compreender o mundo é, ao mesmo tempo, compreendermos como sendo no mundo.

A relevância deste artigo consiste em fazer uma elucidação e organização do conceito de tradição e suas relações com os outros conceitos que estão na base da ontologia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. E por que isso é importante? Numa primeira aproximação, se pode responder que o conceito de tradição pode ser considerado uma das questões centrais no texto de *Verdade e Método I*. E ainda se pode questionar por que esse conceito é importante? Porque nos permite acessar os horizontes desvelados pelo pensamento filosófico a partir da leitura e interpretação de textos.

A questão da reabilitação da tradição, e não do tradicionalismo, enquanto fundamental para o compreender, é o que está em questão neste artigo. Um dos problemas a ser analisado é se existe incompatibilidade entre razão e tradição, e se não existe, de que forma ocorre a tentativa de resgatar o valor da tradição como algo fundamental para a compreensão de como se dá o processo do entendimento humano.

Nossa hipótese interpretativa é que a tradição em Gadamer constitui um elemento essencial para a fundamentação de sua ontologia hermenêutica. Além disso, que não

é possível entender a própria racionalidade humana isolada da tradição na qual ela está inserida e que, assim sendo, determina historicamente seu modo de acesso ao mundo. A reabilitação da tradição para Gadamer é a tentativa de resgatar o valor dela para todo processo de compreensão e que, por esta razão, é necessário criticar o Iluminismo como aquele que opõe razão e tradição.

O artigo se desenvolve em três momentos, como se segue: a) será abordada a questão da relação entre razão e tradição e a crítica de Gadamer ao Iluminismo; b) se estabelecerão as relações entre o conceito de tradição e os de fusão dos horizontes e preconceitos; c) se desenvolverá a questão da reabilitação da tradição a partir do texto *Verdade e Método I* de Gadamer.

2. Tradição e razão na hermenêutica de Gadamer

Para abordar o conceito de tradição na hermenêutica filosófica de Gadamer, se faz necessário compreender qual a pertinência e importância de se abordar esse tema. Considerando que, para alguns intérpretes da hermenêutica filosófica, René Descartes e o Iluminismo descartaram completamente o valor da tradição. Segundo Chris Lawn, Descartes através do Discurso do Método “[...] inaugura um movimento sísmico na legitimidade; uma mudança de paradigma da autoridade de textos para a autoridade da razão”¹. A razão em Descartes é a única que pode determinar a verdade: todo saber escolástico e de textos antigos, toda tradição é vista como algo obscuro, sem sentido e sem valor. O Iluminismo, que foi um movimento filosófico, que se desenvolveu particularmente na França, Alemanha e Inglaterra no século XVIII, caracterizava-se principalmente pela defesa da ciência e da “[...] racionalidade crítica, contra a fé, a superstição e o dogma religioso”². Ou seja, o Iluminismo se posicionava também contra qualquer tipo de tradição.

O Iluminismo defende uma autonomia absoluta da razão e dessa forma conduziu a um desprezo pela tradição. Kant definiu o Iluminismo como aquilo que permite ao homem sair de sua menoridade, ensinando-lhe a pensar por si mesmo e a não

¹ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Trad. Hélio Magri Filho. Vozes, Petrópolis, 2011, p. 49.

² JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1996, p. 20, *Verbete Aufklärung*.

depender de decisões de outro: “tem coragem de te servires de teu próprio entendimento”³. No entanto, é a partir dessa supervalorização da razão, no que diz respeito a todo tipo de menosprezo, que se fez acerca da tradição que Gadamer inicia a sua crítica, pois não vê nenhum tipo de contradição entre tradição e razão: “Parece-me, no entanto, que entre a tradição e a razão não existe nenhuma oposição”⁴. E ainda “[...] encontramos sempre inseridos na tradição [...]”⁵. Sem dúvida, não conseguimos escapar da tradição, pois estamos irremediavelmente inseridos nela. E por encontramos-nos sempre inseridos na tradição, temos que considerar que somos sempre o produto e herdeiros dessa tradição. Mas se pode questionar, em que consiste a tradição em Gadamer? Enfrentado a uma tal questão, Gadamer responde:

É isso, precisamente, que denominamos tradição: ter validade sem precisar de fundamentação. E nossa dívida para com o romantismo é justamente essa correção da Aufklärung, no sentido de reconhecer que, ao lado dos fundamentos da razão, a tradição conserva algum direito e determina amplamente as nossas instituições e comportamentos⁶.

Neste sentido, para Gadamer, a fundamentação racional não é a única a outorgar validade a nossas instituições e comportamentos sociais e que a tradição tem, e teve, o direito de justificar a institucionalidade, inclusive da filosofia, como aconteceu com o romantismo. Gadamer também afirma que “A tradição é essencialmente conservação, e como tal, sempre está atuante nas mudanças históricas”⁷, assim sendo, a tradição se constitui e modifica historicamente. Eis aqui, um primeiro sentido do conceito de tradição para Gadamer, isto é: ter validade sem precisar de fundamentação ou, melhor, que a tradição tem uma função de validade para além da fundamentação racional.

³ KANT, Immanuel. “Resposta a pergunta: O que é esclarecimento (Aufklärung)?”. Em: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Arthur Mourão. Edições 70, Lisboa, 1995, p. 11.

⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Vozes, Petrópolis, 2011, p. 373.

⁵ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 374.

⁶ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 372.

⁷ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 373.

Seguindo o raciocínio de Chris Lawn, o método herdado de Descartes, utilizando-se plenamente da razão, não consegue nos separar da tradição, como se em um dado momento fizéssemos parte de outro mundo, elevados em outra esfera como se tivéssemos atingido o mundo inteligível de Platão, saindo da caverna (tradição), representada por todo tipo de dogmas, preconceitos e obscurantismos. Não é dessa forma, pois: “A tradição não é simplesmente um processo que a experiência nos ensina saber e governar, é *linguagem*”⁸. Portanto como diz Lawn:

[...] ignorar a tradição como um oposto da razão é ignorar que a razão pode, em si, ser uma característica da tradição. A ideia de transformar a tradição em objeto de investigação sugere, erroneamente, que existe um espaço conceitual e crítico a ser encontrado fora da tradição, um ponto arquimediano a partir do qual acessamos a racionalidade das atividades tradicionais⁹.

O que Gadamer nos faz refletir ao questionar as suposições de toda a herança cartesiana e do Iluminismo é que, não podemos ignorar as verdades que estão contidas dentro de uma tradição cultural comum. Verdades essas que não se encontram ocultas ao próprio uso da razão, pois a razão está inserida no próprio seio da tradição. A razão é fruto de uma construção cultural que só poderia ter acontecido no interior de uma tradição. A razão é um produto da tradição. Assim sendo, pesquisar sobre o conceito de tradição é buscar compreender de que forma Gadamer consegue reestabelecer a sua importância e seu valor, perante os exageros do racionalismo, herdados de Descartes e dos pensadores iluministas.

2.1. O desprezo à tradição feito pela *Aufklärung*

É sabido que o Iluminismo foi um movimento filosófico, que se desenvolveu na França, Alemanha e Inglaterra no século XVIII. Foi um movimento que se caracterizou basicamente em defesa do uso da razão, como instrumento para o conhecimento verdadeiro, e, portanto, para apreensão de uma verdade racional, que deveria desprezar qualquer tipo de dogmas, preconceitos, fé e a própria tradição. Ao conduzir a um desprezo pela própria tradição, o Iluminismo esqueceu que somos

⁸ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, p. 55.

⁹ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, p. 55.

sujeitos históricos, e como sujeitos históricos precisamos sempre ter a possibilidade de olhar para o nosso passado, para que tenhamos condições de compreender o presente em que nos encontramos inseridos. Gadamer percebeu essa contradição do movimento iluminista propondo uma outra leitura dessa questão quando diz que: “[...] entre tradição e a razão não existe nenhuma oposição”¹⁰. Não existe, porque como afirma o mesmo autor, estamos sempre inseridos na tradição. E por encontramos sempre inseridos na tradição, temos que considerar que somos sempre herdeiros e frutos dessa mesma tradição.

A razão não consegue por si mesma apagar as heranças, preconceitos e marcas de nosso passado. A tradição é para Gadamer um elemento fundamental para a construção de sua hermenêutica filosófica, pois: “A tradição é essencialmente conservação e como tal sempre está atuante nas mudanças históricas”¹¹ ou, em outras palavras, que a tradição é histórica e, conseqüentemente, sujeita as mudanças da história e do tempo.

Entendemos que quando Gadamer afirma que a tradição é essencialmente conservação, não podemos compreender essa questão como um elemento de estagnação, como algo estático e parado que ficou em um tempo passado. Ao contrário, entender a tradição como conservação, é perceber que a tradição está em nós como um elemento que se faz imanente e que se personifica através da própria história. Entender que a razão não se contrapõe à tradição é buscar ver, que a tradição nos possibilita um constante diálogo com o passado, com o presente e com o futuro. Não existiria nenhuma possibilidade de diálogo com o passado nem com o presente se desprezássemos o valor da tradição, somos “seres hermenêuticos dentro da tradição”¹². É isso que Gadamer defende, essa possibilidade que temos de dialogar com a tradição. Podemos dizer, com isso, que sem o reconhecimento do valor da tradição não existiria possibilidade de diálogo para uma hermenêutica filosófica e nem sequer para outra filosofia. Quando o Iluminismo desprezou o valor da tradição, estava na realidade desprezando o próprio uso da palavra razão, que sempre nasce no seio de uma tradição cultural comum, e ao fazer isso estava

¹⁰ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 373.

¹¹ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 373.

¹² LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, p. 63.

também menosprezando a própria identidade cultural de um dado momento histórico.

Acreditamos que Gadamer faz valer o conceito de tradição como um elemento essencial na sua hermenêutica filosófica, porque nos faz refletir sobre o nosso ser-no-mundo. Ignorar a tradição é perder de vista que estamos o tempo todo conectados com o passado e que só a tradição é capaz de fazer a interconexão entre presente, passado e futuro. Por isso, diz Gadamer: “Foi só quando aprendi com Heidegger a fazer com que o pensamento histórico recuperasse os questionamentos da tradição, que as velhas questões se tornaram tão compreensíveis e vivas que se convertiam em questões próprias”¹³.

Diante das reflexões que Gadamer nos permite fazer, acreditamos que o Iluminismo se equivocou ao desprezar todo o valor da tradição acreditando que a razão por si mesma seria capaz de libertar o homem de sua ignorância e cegueira. Equivocou-se ao não perceber que a razão também é algo que surge dentro de uma determinada tradição cultural comum, e não algo que surge por si só. Assim sendo, o conceito de tradição, no raciocínio de Gadamer, não se opõe a razão, antes bem, são conceitos complementares e que sem eles a filosofia não poderia dialogar com o mundo.

2.2. A tradição e a fusão dos horizontes

O conceito de tradição, tal e como temos desenvolvido até agora, é fundamental na construção de uma ontologia hermenêutica de Gadamer. Mas, também é preciso afirmar que o conceito de tradição possui uma natureza relacional que dialoga com outros conceitos no interior de *Verdade e Método I*. Um desses conceitos é o denominado *fusão dos horizontes*. Mas, antes de falarmos sobre o que é a fusão dos horizontes, é conveniente explicarmos qual é a nossa interpretação da palavra horizonte dentro da análise que estamos fazendo da obra de Gadamer. Horizonte é o que nos proporciona uma dimensão ou uma direção, por isso dizemos que o sol se põe no horizonte. Na história da filosofia existem várias concepções a respeito do significado desta palavra, no entanto, e por a natureza dos objetivos deste artigo, não

¹³ GRONDIN, Jean (org.). *O pensamento de Gadamer*. Trad. Ênio Paulo Giachini. Paulus, São Paulo, 2012, p. 32.

vamos aprofundá-los aqui. Mesmo assim, tentaremos compreender esse conceito de forma mais simplificada e objetiva. Gadamer nos diz que: “[...] uma situação hermenêutica está determinada pelos preconceitos que trazemos conosco. Estes formam o horizonte de um presente [...]”¹⁴.

Retornamos à imagem que temos quando vemos o pôr do sol, que se põe no horizonte, para compreendermos através dessa imagem o seu significado filosófico. Ao contemplarmos o pôr do sol no horizonte, na realidade adquirimos sempre uma visão panorâmica desse horizonte, pois podemos vislumbrar não só o sol, mas também tudo que se encontra entre nosso olhar e o sol, em todas as direções. Isso nos proporciona uma visão ampla, porque podemos ver, ao mesmo tempo, tudo que se encontra entre nós e o sol. Gadamer nos diz que: “Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo que pode ser visto a partir de um determinado ponto”¹⁵. Numa linha de raciocínio similar, Lawn consegue nos dar uma visão bastante compreensível, quando diz que o termo horizonte: “é especialmente apropriado, pois sugere uma visão panorâmica a partir de uma determinada perspectiva”¹⁶. Interpretação que coincide com as palavras de Gadamer:

O conceito de horizonte torna-se interessante aqui porque expressa essa visão superior e mais ampla que deve ter aquele que compreende. Ganhar um horizonte quer dizer sempre aprender a ver para além do que está próximo e muito próximo, não para abstrair dele mas precisamente para vê-lo melhor, em um todo mais amplo e com critérios mais justos¹⁷.

A significação que Gadamer outorga ao termo horizonte como visão superior e mais ampla e a interpretação de Chris Lawn, como visão panorâmica, está a nosso ver inteiramente de acordo com a metáfora do pôr do sol que usamos para compreendermos a noção de horizonte em Gadamer. Esclarecido o significado do termo horizonte, estamos em condições para indagar o que está contido no conceito de fusão de horizonte e sua relação com a tradição segundo Gadamer.

¹⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 404.

¹⁵ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 399.

¹⁶ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, p. 91.

¹⁷ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 403.

Contudo, ao nos deparar com a palavra fusão e buscar o seu significado, alguns dos sentidos que encontramos para essa palavra são: mistura, aliança, associação e junção. A fusão dos horizontes indica então a aliança ou junção de dois horizontes distintos: por exemplo, a fusão que pode se dar entre o horizonte que foi estabelecido por um texto literário do século XVII e o horizonte de seu intérprete que se encontra no século XXI. Em *Verdade e Método I* Gadamer afirmará que:

[...] compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos. [...] A vigência da tradição é o lugar onde essa fusão se dá constantemente, pois nela o velho e o novo sempre crescem juntos para uma validade vital, sem que um e outro cheguem a se destacar explícita e mutuamente¹⁸.

Gadamer acredita, portanto, que a compreensão se torna possível através da fusão de horizontes, quando texto e intérprete se fundem, surgindo daí a compreensão e a interpretação. Nesse sentido é que Lawn afirma que:

Quando falamos de um texto antigo que possui um horizonte, nós falamos de uma visão global. A visão global do passado faz uma declaração, através do texto, no presente. O texto antigo, apesar de sua qualidade de obsoleto e antigo, ainda faz sua apresentação no seu horizonte. A ideia da fusão dos horizontes, de alguma forma, explica a natureza e justifica a existência do cânon filosófico e literário. Por que inúmeras gerações continuam fazendo referência a Platão e Aristóteles, a Esquilo e Shakespeare? É porque estes textos ainda têm algo para dizer aqueles que estão no presente. Eles procuram colocar o presente em seus respectivos horizontes; eles procuram nos levar ao diálogo e procuram nos comunicar suas verdades¹⁹.

A relação entre fusão dos horizontes e tradição, a partir dos textos supracitados, parece conatural. A fusão dos horizontes se dá dentro da perspectiva da hermenêutica filosófica gadameriana, dentro da própria tradição. Não podemos ignorar esse fato. A tradição, podemos dizer, é o espaço circunscrito onde a fusão dos horizontes se concretiza, onde o mundo do autor e o mundo do intérprete se tornam possíveis de serem compreendidos. Nesse sentido, como diz Gadamer:

¹⁸ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 405.

¹⁹ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, p. 94.

“Acreditamos estar compreendendo quando vemos a tradição a partir do ponto de vista histórico, isto é, quando nos deslocamos à situação histórica, procurando reconstruir seu horizonte”²⁰. É nesta perspectiva também que Grondin afirmará que:

Entender o passado não é sair do horizonte do presente, e de seus pré-juízos, para se transportar para o horizonte do passado. É, na realidade, traduzir o passado na linguagem do presente, onde se fundem os horizontes do passado e do presente. Desse modo, a fusão é tão bem-sucedida que não se consegue mais distinguir o que provém do passado nem o que resulta do presente, de onde vem a ideia de fusão²¹.

Assim sendo, podemos afirmar que o caráter do conceito de tradição se forma de passado, presente e futuro, e que não há possibilidade de se compreender o que é a fusão dos horizontes dentro da hermenêutica filosófica, sem levarmos em consideração o significado do papel que exerce a tradição dentro da obra de Gadamer. É a tradição que nos dá a inteligibilidade para compreendermos como se concretiza o processo de compreensão na hermenêutica filosófica de Gadamer, quando ao mesmo tempo também compreendemos, que a fusão dos horizontes só se faz possível, no momento em que a tradição exerce uma espécie de ponte entre passado e presente, com vistas também para o futuro.

2.3. A tradição e os preconceitos

A hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer também proporrá a reabilitação dos preconceitos como elemento presente em tudo ato de compreender. Nesse item procuraremos explicitar a noção de preconceito, com o intuito de estabelecer a relação e o grau de importância que isso exerce, junto com a tradição, em quanto condições para toda compreensão.

O que devemos compreender com a palavra preconceito? Gadamer nos diz que: “Em si mesmo, preconceito (*Vorurteil*) quer dizer juízo (*Urteil*) que se forma antes do exame definitivo de todos os momentos determinantes segundo a coisa em

²⁰ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 401.

²¹ GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. Trad. Marcos Marcionilo. Parábola Editorial, São Paulo, 2012, p. 73.

questão”²². Nesse sentido podemos também entender esse termo como pré-juízo, pois como nos diz Gadamer se forma antes do exame definitivo de um dado. Lawn nos fala que: “A palavra preconceito se divide, etimologicamente, em pré-conceito ou pré-julgamento. O julgamento não é possível sem o ‘pré’ que o acompanha. Todos os julgamentos estão condicionados pelos pré-julgamentos”²³.

Segundo Gadamer, foi somente com a *Aufklärung* que o conceito de preconceito recebeu o matiz negativo que agora possui. “O termo alemão *Vorurteil* (preconceito) assim como o termo francês *préjugé* mas de modo ainda mais pregnante parece ter sido restringido pela *Aufklärung* a sua crítica religiosa, ao significado de ‘juízo não fundamentado’”²⁴.

O movimento Iluminista (*Aufklärung*) como podemos perceber na citação acima passou a utilizar a palavra *Vorurteil* (preconceito) apenas como característica de juízo não fundamentado, ou seja, assumiu uma característica negativa, pejorativa do sentido da palavra. Essa característica foi assumida com relação As Escrituras Sagradas, a Religião e os Dogmas da Igreja, que segundo o Iluminismo, não apresentavam juízos fundamentados em um método, ou seja, não conseguem ser fundamentados através da razão. No entanto segundo Gadamer, o Iluminismo ao pensar dessa forma estabeleceu o que ele chama de o preconceito contra o próprio preconceito. “Há, com efeito, também um preconceito da *Aufklärung* que suporta e determina sua essência: é o preconceito contra os preconceitos em geral e, com isso, a despotenciação da tradição”²⁵. Nessa perspectiva o Iluminismo assumiu uma posição dogmática que age negando o valor do preconceito, e ao negá-lo negou também o próprio valor da tradição.

O autor de *Verdade e Método* nos mostra que quando o Iluminismo assumiu a pretensão de levar em consideração apenas a razão, impôs que todo tipo de preconceito, deveria ser abolido do sujeito pensante, para que este pudesse pensar por si mesmo e assim adquirisse um conhecimento certo e seguro. Nesse sentido, para Gadamer a máxima de Kant: “tem coragem de te servires do teu próprio

²² GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 360.

²³ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, p. 58.

²⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 361.

²⁵ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 360.

entendimento”²⁶, resume bem o espírito da *Aufklärung*. Ou seja, é a razão, o único critério de medida, é ela que estabelece se algo é verdadeiro ou falso, se tem valor ou não. A fonte agora de toda autoridade é a razão e não a tradição como diz Gadamer:

Seja como for, a tendência geral da *Aufklärung* é não deixar valer autoridade alguma e decidir tudo diante do tribunal da razão. Assim, a tradição escrita, a Sagrada Escritura, como qualquer outra informação histórica, não pode valer por si mesma. Antes, a possibilidade de que a tradição seja verdade depende da credibilidade que a razão lhe concede. A fonte última de toda autoridade já não é a tradição, mas a razão. O que está escrito não precisa ser verdade. Nós podemos sabê-lo melhor. Essa é a máxima geral com a qual *Aufklärung* moderna enfrenta a tradição, e em virtude da qual acaba ela mesma convertendo-se em investigação histórica²⁷.

No parágrafo supracitado evidencia-se que Gadamer critica o ideal do iluminismo, pois esse movimento está na gênese do desprezo que se faz a partir daí à tradição. Portanto, notamos que o ideal da *Aufklärung* era livrar os homens de sua minoridade e conduzi-los a sua maioridade, onde somente a razão governa de forma soberana, mas o custo foi o desprezo e desvalorização do conceito de tradição que pagamos até hoje.

3. O preconceito como elemento fundamental para a compreensão

A proposta da hermenêutica filosófica de Gadamer não é garantir a verificabilidade da verdade, assim como o metodologismo empregado pelas ciências da natureza. Ao contrário, parte da historicidade do homem, de sua vivência, para ir ao encontro da alteridade, para que a partir daí finalmente surja a compreensão.

Gadamer enfatiza em várias passagens de sua obra *Verdade e Método*, que está preocupado com as possibilidades da compreensão e não com uma técnica específica para a compreensão. O problema da hermenêutica no seria um problema metodológico.

²⁶ KANT, Immanuel. “Resposta a pergunta: O que é esclarecimento (*Aufklärung*)?”, p. 11.

²⁷ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 363.

Gadamer não nega o sucesso que foi alcançado pelo procedimento metódico das ciências da natureza, ao contrário, nota que: “O espírito metodológico da ciência impõe-se por toda a parte. Assim, longe de mim negar o caráter imprescindível do trabalho metodológico dentro das assim chamadas ciências do espírito”²⁸.

Percebemos a partir daí que a hermenêutica de Gadamer é contra o método, mas não no sentido de anula-lo de forma absoluta, de buscar substituir o método das ciências naturais pela hermenêutica filosófica, não é essa a intenção de Gadamer, pois, a hermenêutica filosófica não é um novo método; por isso nos diz Gadamer: “O que temos não é uma diferença dos métodos, mas uma diferença dos objetivos do conhecimento”²⁹. Eis a razão pela qual a questão central da hermenêutica filosófica não é a questão do método ou a supremacia do método das chamadas ciências da natureza, se trata, mas propriamente, de pôr em destaque a questão ontológica da verdade e da estrutura da compreensão humana. Não é estabelecer a disjuntiva entre ciências da natureza e ciências do espírito em relação com a verdade.

O que precisamos compreender acima de tudo é que somos sujeitos históricos e que fomos condicionados pelos fatores de um determinado momento histórico, ou seja, pela cultura, pela educação, pela religião, enfim, pela própria tradição. Não conseguimos compreender fora do momento histórico e a razão não é um elemento a-histórico. Podemos dizer que a razão é um produto construído dentro da própria tradição. O que nos leva a crer junto com Gadamer: “que é só o reconhecimento do caráter essencialmente preconceituoso de toda a compreensão que pode levar o problema hermenêutico a sua real agudeza”³⁰. Ora, para Gadamer, os preconceitos são fundamentais para a compreensão, porque são eles que formam a pré-compreensão do sentido de uma obra. Quando nos referimos a obra, gostaríamos de esclarecer, que essa obra pode ser um texto literário, uma carta do século XIV, uma obra de arte, ou ainda todo o conjunto de obras de um autor. Assim, podemos dizer: “[...] que uma situação hermenêutica está determinada pelos preconceitos que trazemos conosco”³¹. Segundo Oliveira: “compreendemos a partir de nossos pré-conceitos que gestaram na história e são agora ‘condições transcendentais’ de nossa

²⁸ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 15.

²⁹ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 15.

³⁰ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 14.

³¹ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 404.

compreensão”³². Diante desta mesma vertente, Palmer corrobora também este pensamento quando afirma que: “Os pré-juízos (preconceitos) não são algo que devemos aceitar ou que possamos recusar; são a base da capacidade que temos para compreender a história”³³. Na realidade, estes preconceitos, ou como diz Palmer, pré-juízos, são o fruto da tradição na qual nos encontramos inseridos.

Diante de tudo que foi abordado podemos dizer que os preconceitos são a condição básica que se estabelece em um processo hermenêutico para se atingir a compreensão. São os preconceitos que antecedem as condições para que haja entendimento. Pois não podemos negar as condições que já estão estabelecidas tanto no texto como no intérprete, que são os preconceitos, ou seja, o que faz parte da cultura do texto e da cultura do intérprete. As hermenêuticas filosóficas revelam que todo entendimento é basicamente interpretação, no entanto, essa interpretação não pode ocorrer, se considerarmos a razão como um instrumento puro e livre de toda tradição, da forma que foi pensada pelo iluminismo. Também, esse entendimento não é possível se pensarmos na fenomenologia, quando se faz a suspensão do juízo, e, acredita que a partir daí se encontra totalmente liberto, de toda e qualquer forma de pré-julgamentos ou preconceitos, para poder observar o fenômeno como ele se apresenta ao observador. Não é dessa forma que acontece na hermenêutica de Gadamer, pois há que se considerar o mundo do texto e o mundo do intérprete, com todos os preconceitos em que ambos estão envolvidos. O que Gadamer quer nos mostrar com sua análise, é que existem condições prévias para que seja possível o entendimento, essas condições prévias, formam as pré-compreensões, que são dadas através dos preconceitos, que são dados germinais e iniciais para que o processo do entendimento se torne possível ou, dito de um outro modo, que os preconceitos são as condições de possibilidade de todo ato de compreender.

Por fim, concluímos concordando com Gadamer, que a *Aufklärung* se equivocou com relação aos preconceitos. Pois os mesmos não são obstáculos para o conhecimento, mas sim, possibilidades de um alargamento de horizonte. Negar os

³² ARAÚJO DE OLIVEIRA, Manfredo. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. Loyola, São Paulo, 2001, p. 231.

³³ PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luíza R. Ferreira. Edições 70, Lisboa, 1969, p. 186.

preconceitos é a mesma coisa que negar a nossa identidade histórica, negar, sobretudo, a nossa tradição.

4. A reabilitação da tradição

O que significa uma reabilitação da tradição? A nosso ver, reabilitar significa dar valor novamente a algo que foi perdido ou retirado ou, também, habilitar, doar novamente o poder para agir. Mas, qual é o sentido de uma reabilitação da tradição para Gadamer?

Tentaremos responder esta pergunta recolhendo o que temos avançado até agora. Como podemos perceber os tópicos anteriores nos deram indícios que realmente o conceito de tradição é um elemento chave na obra *Verdade e Método*, apesar de termos feito um recorte em nossa pesquisa, escolhendo como objeto de investigação apenas a segunda parte de *Verdade e Método I*. Podemos perceber que a tradição faz parte da própria essência da reflexão gadameriana. Gadamer nos levou a origem de todo o desprezo que sofreu a tradição. Porém, quando tomamos consciência do valor e do peso da tradição, para o entendimento de nosso ser – no – mundo, ficamos estarecidos. Claro que já sabíamos que em História precisamos voltar ao passado para entendermos o nosso presente, - uma coisa básica e elementar. Mas, não foi só isso que Gadamer nos fez ver. Além disso, nos remeteu a uma análise profunda do valor da própria tradição como elemento essencial, para poder sermos capazes de fazer a leitura de nós mesmos no presente, sem perder de vista o passado e com um olhar para o futuro. Nos fez ver que somos condicionados pela tradição “[...] a tradição [...] nos determina de modo espontâneo”³⁴. E, que a tradição não é algo oposto à razão, mas sim, que a razão nasce sempre dentro de uma tradição. Gadamer nos faz entender que a tradição é uma espécie de ponte, que não permite que sejamos desligados de nosso passado histórico, mesmo quando estamos com as vistas totalmente voltadas para o futuro. Nosso olhar e a nossa voz, nossos pensamentos, nossa linguagem, estão sempre impregnados de pré-conceitos pois somos herdeiros de uma tradição. Mas o que caracteriza realmente a essência da tradição? Gadamer nos responde da seguinte forma:

³⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 373.

O que satisfaz nossa consciência histórica é sempre uma pluralidade de vozes nas quais ressoa o passado. O passado só aparece na diversidade dessas vozes. É isso que constitui a essência da tradição da qual participamos e queremos participar. A própria investigação histórica não é só investigação, mas também mediação da tradição³⁵.

Percebemos que se a investigação histórica esquecer a mediação que deve fazer com a tradição, não será possível compreendermos o real significado de nosso ser histórico no mundo, estaremos desvinculados da diversidade das vozes que nos determinaram como seres. O que Gadamer também nos faz ver é que sempre somos parte daquilo que estamos buscando entender. É nesse mesmo sentido que Lawn nos fala:

Mas, o que este relato da ciência tem uma tendência a esquecer é que o investigador ou pesquisador 'são uma parte' daquilo que estamos investigando. Não importa quão cuidadosos somos sobre o método usado para investigar o mundo, precisamos sempre lembrar de que o mundo está sendo visto a partir de uma determinada dimensão humana³⁶.

A ciência metodológica separou o sujeito do objeto, sem se dar conta dessa realidade profunda. Ao contrário, a hermenêutica filosófica gadameriana leva sempre em consideração a alteridade, as vozes que estão presentes em um texto ou numa obra. Somente quando nos damos conta disso é que somos capazes de compreender que "Nós não somos sujeitos ávidos por objetos, mas sim seres hermenêuticos dentro da tradição"³⁷.

Diante de tudo que foi exposto acreditamos que Gadamer faz sim a reabilitação da tradição, e não vê incompatibilidade alguma entre tradição e razão como já mencionamos anteriormente. Gadamer não se coloca contra a razão e nem tampouco a seu favor, sabe e compreende muito bem que a razão é um instrumento importante para o homem, porém compreende que a razão também é um elemento da tradição, que faz parte e está essencialmente ligada a tradição.

³⁵ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 377.

³⁶ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, Pp. 59-60.

³⁷ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, p. 63.

O valor das contribuições da obra de Gadamer para a história e as ciências humanas é inegável porque os conceitos de hermenêutica e de tradição, são na prática suas condições de possibilidade. Não há ciência e compreensão do homem no mundo sem reconhecer e reabilitar a tradição. Por isso, que o autor de *Verdade e Método* nos fala: “Em outras palavras, o que importa é reconhecer o momento da tradição no comportamento histórico e indagar pela sua produtividade hermenêutica”³⁸.

5. Conclusão

O conceito de tradição na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer é o cerne da reflexão feita neste artigo. A tese interpretativa, apresentada na introdução, a partir dos textos do filósofo alemão, consistia em mostrar a valorização e reabilitação da tradição como conceito chave para compreender a formação da ontologia hermenêutica de Gadamer e sua crítica ao Iluminismo. Chegados neste momento de nossa reflexão podemos concluir o que se segue:

1. O conceito de tradição na sua significação pejorativa, isto é, como sinónimo de irracional, arcaico, ultrapassado e contrário a racionalidade, na leitura de Gadamer, é fruto dos preconceitos do Iluminismo que têm suas raízes na filosofia do método de Descartes e na supervalorização da racionalidade por parte de Kant. Mesmo assim, Gadamer, como foi evidenciado acima, não tira o valor e a importância do Iluminismo na formação da hermenêutica filosófica.

2. A contraposição entre razão e tradição, e sua conseqüente significação pejorativa, só é possível se aceitarmos a primazia das ciências da natureza e o domínio do mundo exercido a partir da aplicação do método racional herdado da modernidade. Diante desta contraposição, Gadamer fará valer o argumento segundo o qual a razão não pode existir fora da tradição, chegando a afirmar que a razão mesma é fruto de uma tradição. Em conseqüência, razão e tradição não se contrapõem para Gadamer, do mesmo modo que se pode afirmar que ambos os conceitos são complementares e fundamentais para pensar as bases do processo de compreensão do mundo.

³⁸ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, p. 375.

3. Os conceitos de fusão de horizonte e preconceitos permitem a Gadamer aprofundar-se no conceito de tradição proposto na sua ontologia hermenêutica. Fusão de horizontes e preconceitos mostram, na prática, como acontece o processo de compreensão histórica e como é possível vencer a distancia entre o texto e o intérprete situados em diferentes épocas históricas. O horizonte, compreendido por Gadamer como ampliação da visão, é também uma tradição na qual acontecem e se formam nossos conceitos e preconceitos, pré-julgamentos, que determinam nosso modo de acesso ao mundo. Em consequência, podemos afirmar, que os conceitos de fusão de horizontes e preconceitos são colocados por Gadamer em direta relação com o conceito de tradição ao ponto de fazer-nos concluir que a tradição é o conceito chave para ler e compreender a hermenêutica filosófica de Gadamer tal e como ela é desenvolvida em *Verdade e método I*.

4. A reabilitação da tradição, essa que permite nos compreender a partir da escuta do passado, do presente e do futuro, não pode ser entendida como um retrocesso, como um tradicionalismo promovido por Gadamer. Segundo nossa leitura, a tradição e sua consequente reabilitação não funda um tradicionalismo pois ela tem suas condições de possibilidades na própria historicidade do acontecer humano. A reabilitação da tradição, neste novo olhar, não é outra coisa senão que o reconhecimento de nosso próprio modo de ver, compreender, interpretar e entender nosso próprio ser-no-mundo no seu caráter essencialmente histórico. A finitude humana, como condição ontológica intransponível, é o fundamento da reabilitação da tradição levada a cabo pela hermenêutica de Gadamer.

5. Assim como não existe contraposição entre razão e tradição, também não existe contraposição entre verdade e método. Para Gadamer o homem não está obrigado a escolher entre a verdade ou o método, entre a razão ou a tradição, está obrigado sim, a reconhecer sua condição de ser histórico inserido numa tradição na qual acontece a verdade. Neste sentido é que pode ser afirmado, como faz Gadamer, que o problema hermenêutico, na sua origem, não é um problema metodológico e sim ontológico.

Referencias

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi y Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes, São Paulo, 2012.

ARAÚJO DE OLIVEIRA, Manfredo. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. Loyola, São Paulo, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Vozes, Petrópolis, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. Trad. Ênio Paulo Giachini. Vozes/Universitária São Francisco, Petrópolis-Bragança Paulista, 2011.

GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. Trad. Marcos Marcionilo. Parábola Editorial, São Paulo, 2012.

GRONDIN, Jean (org.). *O pensamento de Gadamer*. Trad. Ênio Paulo Giachini. Paulus, São Paulo, 2012.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1996.

KANT, Immanuel. “Resposta a pergunta: O que é esclarecimento (*Aufklärung*)?”. En: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Arthur Mourão. Edições 70, Lisboa, 1995.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Trad. Hélio Magri Filho. Vozes, Petrópolis, 2011.

PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luíza R. Ferreira. Edições 70, Lisboa, 1969.